



## JUVENTUDE RURAL E SUCESSÃO GERACIONAL EM COMUNIDADE RURAL NA AMAZÔNIA ORIENTAL

**Matheus Gabriel Lopes Botelho**<sup>1</sup>

(Autor; math.botelho2194@gmail.com; Engenheiro Agrônomo; Universidade do Estado do Pará)

**Ruth Helena Cristo Almeida**<sup>2</sup>

(Co-autora; ruthpara79@gmail.com; Doutora em Ciências Agrárias; Universidade Federal Rural da Amazônia)

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Matheus Gabriel Lopes Botelho y Ruth Helena Cristo Almeida (2020): "Juventude rural e sucessão geracional em comunidade rural na Amazônia oriental", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (diciembre 2020). En línea:  
<https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/12/juventude-rural.html>

### RESUMO

O presente estudo identifica os fatores que levam os jovens da comunidade Espírito Santo do Itá (Santa Isabel do Pará) a decidirem ou não pela sucessão geracional na agricultura familiar. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo, buscando levantar dados relativos à juventude da localidade. De acordo com o estudo, nota-se que a maioria dos jovens (63,3%) afirma que as atividades na agricultura familiar são uma boa oportunidade de trabalho e renda para os mesmos no contexto rural. Ainda assim, 36,7% dos entrevistados discordam, pois, segundo eles, os jovens realizam as atividades agrícolas por falta de opção de trabalho e renda. A grande maioria dos entrevistados (93,4%) afirma que gosta de morar na comunidade por motivos de tranquilidade, segurança e lazer, considerando aspectos imateriais como a calma do lugar. Percebe-se que o trabalho agrícola não aparece como um critério de afinidade pela localidade. Dessa forma pode-se averiguar que os jovens da comunidade não estão dispostos a realizar a sucessão geracional da agricultura familiar de forma espontânea, mas sim de forma induzida ou forçada, por não terem outra oportunidade de trabalho.

**Palavras-chave:** Sociedade rural, reprodução social, agricultura familiar, recursos naturais.

## JUVENTUD RURAL Y SUCESIÓN GENERACIONAL EN UNA COMUNIDAD RURAL DE LA AMAZONIA ORIENTAL

<sup>1</sup>Engenheiro Agrônomo; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Estado do Pará (UEPA); math.botelho2194@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Ciências Agrárias; Docente e Pesquisadora da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); ruthpara79@gmail.com

## RESUMEN

El presente estudio identifica los factores que llevan a los jóvenes de la comunidad de Espírito Santo do Itá (Santa Isabel do Pará) a decidir o no la sucesión generacional en la agricultura familiar. El estudio se llevó a cabo a través de una investigación de campo, buscando recopilar datos relacionados con la juventud local. Según el estudio, se observa que la mayoría de los jóvenes (63.3%) afirman que las actividades en la agricultura familiar son un buen trabajo y una oportunidad de ingresos para ellos en el contexto rural. Aun así, el 36,7% de los encuestados no está de acuerdo, porque, según ellos, los jóvenes realizan actividades agrícolas debido a la falta de trabajo y las opciones de ingresos. La gran mayoría de los encuestados (93.4%) dice que les gusta vivir en la comunidad por razones de tranquilidad, seguridad y ocio, considerando aspectos inmateriales como la calma del lugar. Se observa que el trabajo agrícola no aparece como criterio de afinidad local. De esta manera, se puede determinar que los jóvenes de la comunidad no están dispuestos a llevar a cabo la sucesión generacional de la agricultura familiar de forma espontánea, sino de manera inducida o forzada, ya que no tienen otra oportunidad de trabajo.

**Palabras clave:** Sociedad rural, reproducción social, agricultura familiar, recursos naturales.

## RURAL YOUTH AND GENERATIONAL SUCCESSION IN A RURAL COMMUNITY IN THE EASTERN AMAZON

### ABSTRACT

The present study identifies the factors that lead young people from the Espírito Santo do Itá community (Santa Isabel do Pará) to decide or not for the generational succession in family farming. The study was carried out through a field research, seeking to gather data related to the local youth. According to the study, it is noted that the majority of young people (63.3%) affirm that activities in family farming are a good job and income opportunity for them in the rural context. Even so, 36.7% of respondents disagree, because, according to them, young people carry out agricultural activities due to lack of work and income options. The vast majority of respondents (93.4%) say that they like to live in the community for reasons of tranquility, security and leisure, considering immaterial aspects such as calm of the place. It is noticed that agricultural work does not appear as a criterion of local affinity. In this way, it can be ascertained that young people in the community are not willing to carry out the generational succession of family farming spontaneously, but rather in an induced or forced way, as they have no other job opportunities.

**Keywords:** Rural society, social reproduction, family farming, natural resources.

## 1. INTRODUÇÃO

O conceito de juventude é uma abordagem teórica que representa um desafio para muitos, pois como categoria social a juventude e a maturidade possuem uma fronteira caracterizada como um jogo de lutas em todas as sociedades, uma vez que são muito variadas as divisões de classes por idade, pois são segmentações construídas pela sociedade (Stropasolas, 2006).

Golgher (2010) afirma que na maioria dos casos, pode ser definido como jovem aquela pessoa que possui entre 15 a 29 anos, assim como considera a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Porém, Abramovay (1998) considera uma categorização entre 15 a 24 anos para definir o conceito de juventude, desde que características peculiares sejam resguardadas, como a estrutura familiar, matrimônio, entre outras. Ou seja, não existe uma definição consensual, pois a aceitação se configura no sentido de estabelecer as definições de faixa etária, uma vez que sua aplicabilidade depende de análises de cada indivíduo ou grupo que possa ser objeto de análise e avaliação sociológica.

Os jovens brasileiros somam um total de 34,1 milhões de pessoas na faixa etária entre 15 a 29 anos, representando 20,1% da população do país. Dentro desse total de jovens, 5,9 milhões residem em áreas rurais com a representatividade de 17,3% dos jovens brasileiros (Carvalho et al., 2009).

A permanência dos jovens no meio agrário se inicia considerando o caráter positivo da juventude rural, uma vez que essa categoria é de fundamental importância para a reprodução social da agricultura familiar e do campo. Porém, o caráter negativo também é expressado por meio da agricultura, trazendo algumas revelações para os jovens, como a comparação em relação às atividades urbanas, no que se refere a obtenção de renda e aos esforços requeridos (Ferreira & Alves, 2009).

Weisheimer (2005) revelou que no decorrer dos anos, o tema de juventude rural não possui interesse significativo da academia e de pesquisadores, o que ocasiona uma dificuldade de caracterização desta categoria, pois trata-se de um grupo social que possui a responsabilidade de continuidade da população do meio rural e pelo desenvolvimento do país com a elaboração de projetos políticos. Ainda segundo Weisheimer (2005, p. 20-24), o conceito de juventude rural no Brasil possui algumas abordagens específicas, como: Juventude como faixa etária, com a utilização de definições estatísticas de organizações como a Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Iberoamericana de Juventude (OIJ), UNESCO e IBGE; período de transição ou período de vida; representação social e auto-representação.

A juventude rural está inserida na agricultura familiar que se caracteriza pelo modo de produção cuja família é o cerne (Brasil – Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, 2010). A sucessão geracional na agricultura familiar possui um papel significativo na continuidade dos agricultores familiares, juntamente com a preservação do espaço socioeconômico destes agentes. O estabelecimento de uma nova geração no meio rural é um assunto complexo a ser avaliado, pois a decisão de permanência dos jovens agricultores no meio rural pode ocorrer por

vários motivos, como: a) falta de oportunidade de emprego e renda no meio urbano; b) baixo grau de escolaridade e; c) baixa especialização profissional, desestimulando os jovens a realizarem migração para as cidades (Diniz, 2013).

Por outro lado, a decisão de permanência no campo ainda acontece por afinidade de realização das atividades produtivas no meio rural. Neste sentido, a sucessão geracional no meio rural é caracterizada pela formação de uma nova geração de jovens agricultores que se dedicam ao controle do estabelecimento agropecuário. Porém, a decisão de permanência destes no meio rural está relacionada a condições objetivas internas e externas ao estabelecimento rural. Dessa forma, a sucessão geracional pode ser compreendida como um processo de continuidade dos jovens agricultores nas atividades desenvolvidas pelos pais no meio rural. Logo, o trabalho na agricultura familiar é de extrema importância para o desenvolvimento de aprendizagem para a juventude rural que almeja preservar o trabalho no campo ao longo de gerações (Diniz, 2013).

Na agricultura familiar, as relações no âmbito interno possuem como referência a sucessão de gerações que pode ser caracterizada como estratégias que visam não somente a sobrevivência imediata ao curto prazo, mas a garantia da reprodução das subsequentes gerações. A sucessão na agricultura familiar pode envolver a transferência de um patrimônio e de capital imobilizado ao longo de sucessivas gerações, além de ser definida como um verdadeiro código cultural que realiza a orientação de escolhas e procedimentos direcionados visando a garantia com que pelo menos um dos sucessores possa realizar a reprodução da situação original. No contexto da agricultura familiar, a ausência de jovens é um dos principais problemas que coloca em risco a existência do estabelecimento rural, uma vez que a falta de sucessão impossibilita a eficiente reprodução desta categoria social (Brumer, 2007).

Como constata Weisheimer (2005), a crescente participação da juventude nas atividades agrícolas contribui diretamente para promover a sua permanência. Isso está ligado à complexidade do contexto de agricultor familiar, que é uma profissão de alta exigência na sociedade moderna, o que faz com que os jovens venham a experimentar um desafio que está relacionado à tradição que aprenderam e são chamados a inovar com a modernização agrícola. Porém, os jovens se percebem cada vez mais envolvidos nas dinâmicas de diversidade produtiva, além das perspectivas de modernização. Ou seja, a vivência no campo cada vez denota um conjunto significativo de possibilidades.

O Estado do Pará é referência nacional no processamento de subprodutos da mandioca em casas de farinha em comunidades rurais. Uma vez que, essas atividades são caracterizadas pela reprodução familiar de pais para filhos ao longo de gerações, definindo dessa forma um processo de sucessão que atende aos critérios de hereditariedade e parentesco, de acordo com o contexto rural (Fernandes, 2017). Para Ferreira (2019), as comunidades rurais na Amazônia, são formadas por jovens que almejam dar continuidade às atividades agrícolas realizadas pelos pais, e por aqueles que desejam realizar o processo de migração para as cidades por motivos específicos, como a busca de qualificação profissional e continuidade aos estudos nos centros urbanos.

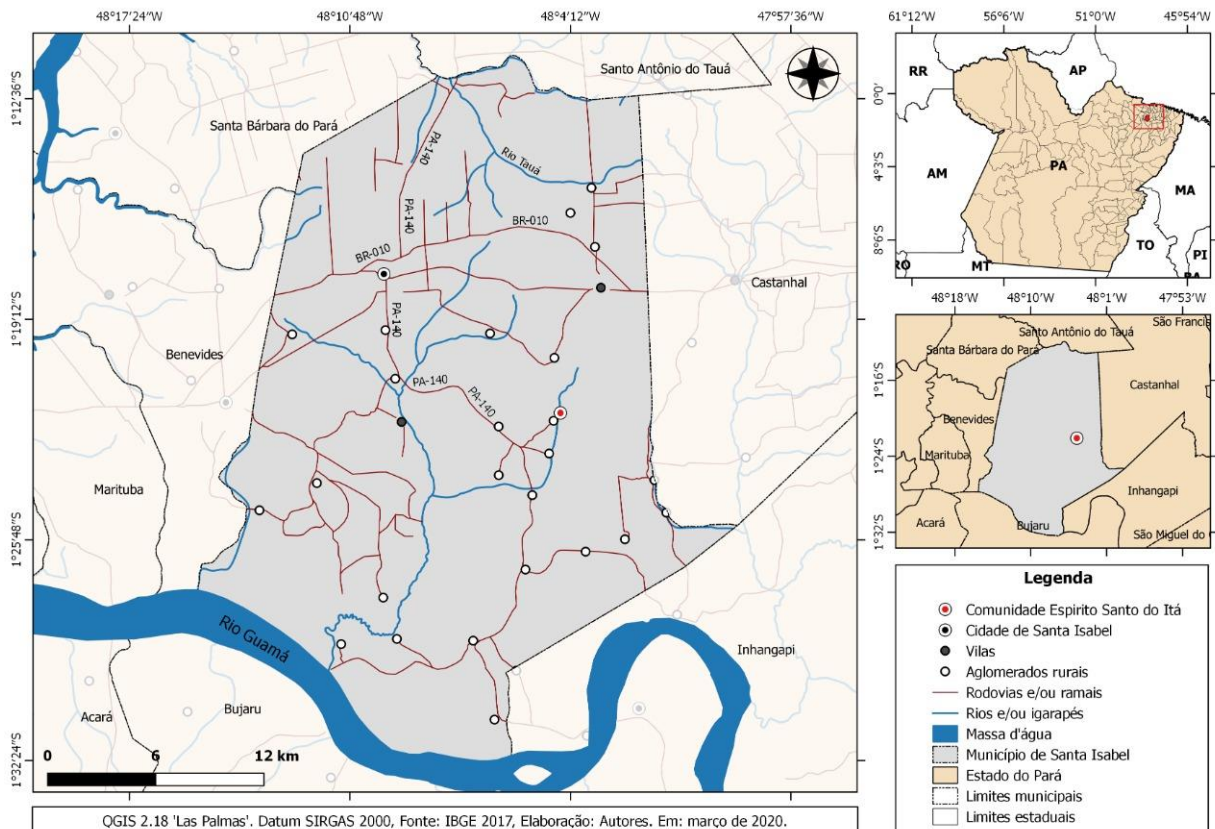
Portanto, este trabalho teve como objetivo: identificar fatores que levam os jovens da comunidade Espírito Santo do Itá (Santa Isabel do Pará) a decidirem ou não pela sucessão geracional na agricultura familiar, enfocando suas dificuldades e perspectivas em relação às atividades econômicas da comunidade.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

### 2.1. Área de Estudo

O trabalho foi realizado na comunidade Espírito Santo do Itá, que está localizada a aproximadamente 20 km ao sul do município de Santa Isabel, nordeste do Estado do Pará, a 45 Km da capital Belém. A comunidade possui as coordenadas geográficas entre o paralelo 1°22'0"S e meridiano 48°04'31"O (Figura 1). O principal acesso à área de estudo é realizado através das vias rodoviárias BR-316 e a rodovia estadual PA-140, realizando a integração das diversas localidades que existem na região (Salomão, 2016).

**Figura 1– Mapa de localização da comunidade Espírito Santo do Itá.**



Fonte: Autores, 2020.

### 2.2. Coleta de dados

O estudo envolveu pesquisa de campo, buscando levantar dados relativos à juventude rural da comunidade, como: problemas enfrentados, formas de lazer, acesso aos meios de comunicação e outros fatores que possam contribuir para o entendimento dos processos de

decisão da sucessão geracional nas atividades rurais, condizente com a pesquisa realizada por Ferreira (2019).

A coleta dos dados da pesquisa foi realizada na forma de um questionário, sendo aplicado em 30 jovens, de maneira aleatória e que residem na comunidade, resultando em 15 homens e 15 mulheres, de acordo com os objetivos do trabalho. O questionário foi composto por perguntas fechadas e abertas com opção de justificativa, para a obtenção de dados numéricos relativos aos principais tópicos abordados na pesquisa, mas também levando em consideração a percepção dos jovens entrevistados. Após a aplicação dos questionários, realizou-se uma entrevista com a líder comunitária, por meio de uma conversa informal, sobre as principais informações da comunidade, como: quantidade de pessoas que residem; número de famílias; infraestrutura e escolaridade.

A classificação do que é ser jovem no Brasil é realizada, em sua maioria, a partir do quesito faixa etária. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera jovem aquele que possui idade entre 15 a 29 anos. Porém, na presente pesquisa, considerou jovens desde aqueles que possuem 11 anos, pois, os jovens relataram que o processo de maturidade é alcançado desde cedo na comunidade, com a prematura geração de filhos e o precoce compromisso de trabalho nas atividades agrícolas.

A tabela 1 apresenta a percepção dos jovens da comunidade em relação à faixa etária de juventude onde a maioria dos entrevistados afirmou que o período de juventude pode ser compreendido entre 10 a 25 anos de idade (53,4%) diferindo do que o IBGE classifica.

**Tabela 1 – Distribuição dos jovens entrevistados de acordo com a percepção dos mesmos em relação à faixa etária de juventude.**

Faixa etária (anos)	Nº de jovens	%
10 -- 24	2	6,6
10 -- 25	16	53,4
10 -- 26	2	6,6
12 -- 25	2	6,6
12 -- 20	3	10,0
12 -- 24	1	3,4
13 -- 19	3	10,0
15 -- 20	1	3,4
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

A tabela 2 indica a idade dos entrevistados. A faixa etária das pessoas entrevistadas variou entre 11 a 24 anos. Sendo que a maioria dos jovens estava na idade de 17 e 23 anos, seguido de 12, 14, 15, 19, 16, 18, 20, 11, 13, 21 e 24 anos.

**Tabela 2 – Distribuição e porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com a idade.**

Idade (anos)	Nº de jovens	%
11	1	3,4
12	3	10,0
13	1	3,4
14	3	10,0
15	3	10,0
16	2	6,6
17	4	13,3
18	2	6,6
19	3	10,0
20	2	6,6
21	1	3,4
23	4	13,3
24	1	3,4
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Os questionários foram preenchidos pelo entrevistador face-a-face com o entrevistado (Figura 2), condizente com o método de Michelat (1987). Este estudo trata-se de uma pesquisa participante que se define como uma investigação efetivada por meio da introdução e comunicação do pesquisador na comunidade (Peruzzo, 2017).

### **2.3. Análise de dados**

No que se refere à análise de dados, utilizou-se do método quali-quantitativo. A análise qualitativa se refere à percepção dos atores locais sobre o fenômeno social que os cercam, e a análise quantitativa está relacionada aos levantamentos de dados numéricos relativos e percentuais relacionados com a permanência ou à saída dos jovens do campo e suas motivações para isso.

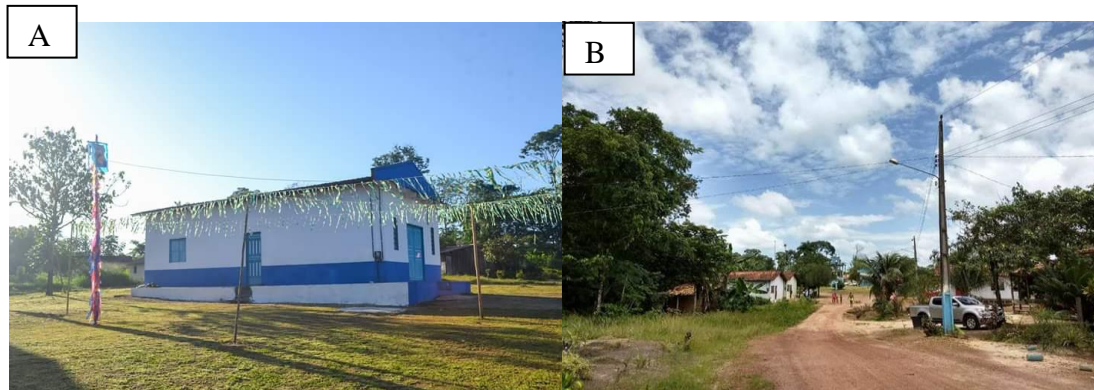
Visando a melhor ilustração de tais dados, esses foram apresentados de forma de tabelas e gráficos, considerando sempre a totalidade dos indivíduos envolvidos. Os dados quantitativos foram tabulados e sistematizados por meio do programa Microsoft Office Excel.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **3.1. A comunidade Espírito Santo do Itá**

A comunidade Espírito Santo do Itá (PA) é uma localidade constituída por 42 famílias formadas por 131 pessoas, divididas entre homens, mulheres, jovens e crianças. A origem da localidade é desconhecida pela líder e pelos moradores, não havendo registros de comprovação dos antecessores (Líder Comunitária, 2019). Na figura 2, pode-se visualizar a Paróquia da comunidade e a entrada de acesso para a localidade.

**Figura 2 – Comunidade Espírito Santo do Itá (PA). A) Vista da Paróquia da comunidade;  
B) Entrada de acesso para a comunidade**



*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

A comunidade realiza festividades, como o Festival da Mandioca (Figura 3), o qual é realizado anualmente, geralmente entre os meses de Abril a Julho, possui o objetivo de valorização da cultura da mandioca e a geração de renda para o desenvolvimento da localidade. O Festival é uma realização da própria comunidade e possui o apoio da Prefeitura de Santa Isabel, através da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SEMAGRI) e da Secretaria de Cultura (SECULT), que são aliadas dos moradores, fundamentais no fortalecimento da identidade cultural e do desenvolvimento econômico da Região do Itá, que é formada por outras comunidades, como a Conceição do Itá e a São Francisco do Itá. Na comunidade também ocorre a Festa de Santo Antônio, de caráter religioso, que ocorre no mês de Junho (Líder Comunitária, 2019).

**Figura 3 – Festival da Mandioca na comunidade. A) Barracão de celebração do festival;  
B) Subprodutos da mandioca que são comercializados no festival.**



*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

No que se refere à infraestrutura, a comunidade possui acesso à água potável, energia elétrica, internet e ao posto de saúde, porém, o saneamento básico é precário (Líder



Comunitária, 2019). A principal renda das famílias é proveniente do processamento dos subprodutos da mandioca nas dez casas de farinha existentes na localidade, uma vez que, todos os familiares trabalham neste processamento (Figura 4). Dessa forma, pode-se aferir que a comunidade é composta por pessoas que dependem das atividades produtivas das casas de farinha para a obtenção de renda. Portanto, segundo Ahlert (2009), a comunidade possui potencial para a sucessão geracional, uma vez que a mesma possui uma tradição familiar de produção de subprodutos da mandioca, passível de perpetuação para gerações seguintes.

**Figura 4 – Produção da farinha de mandioca. A) Atividade de descascamento da mandioca na casa de farinha; B) Etapa de torração da farinha.**



*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

De acordo com os jovens entrevistados, no processamento da farinha não ocorre divisão de tarefas por sexo. Porém, segundo as observações da pesquisa de campo realizadas e a literatura existente, algumas atividades são realizadas por meio da divisão de trabalho por gênero, como o processo de descascamento realizado pelas mulheres e a etapa de torração da farinha feita por homens. Esse contexto exemplifica o estudo realizado por Kergoat (2009), pois a autora afirma a existência da divisão sexual do trabalho em comunidades rurais brasileiras, abordando atividades de campo específicas para mulheres e homens. Dessa forma, percebe-se no decorrer da pesquisa, que o processo de masculinização do campo descrito por Kischener (2015), não é uma realidade na comunidade, uma vez que, as mulheres jovens possuem ativa participação nas atividades agrícolas nas casas de farinha.

De acordo com a líder comunitária, no que se refere à escolaridade, a comunidade possui um suporte educacional até o fundamental (9º ano) por meio da Escola Estadual de Ensino Fundamental Maurício Machado, localizada em uma estrada próximo da entrada da comunidade. O nível educacional dos entrevistados será um dos critérios abordados para definir o perfil dos jovens que residem na localidade.

### **3.2.O perfil dos jovens**

As localidades de nascimento dos jovens entrevistados foram: Sede do município de Santa Isabel (50,0%), comunidade do Espírito Santo do Itá (43,4% ) e Macapá (6,6%), de acordo com a tabela 3.

**Tabela 3 – Localidades de nascimentos e porcentagens dos jovens entrevistados.**

Localidades	Nº de jovens	%
Santa Isabel	15	50,0
Comunidade	13	43,4
Macapá	2	6,6
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

No que se refere ao grau de escolaridade, constatou-se que 66,6% dos jovens possuem o ensino fundamental incompleto, 16,7% o ensino médio incompleto, 13,3% o ensino médio completo e 3,4% o ensino fundamental completo, como mostra a Tabela 4. Uma vez que, é válido ressaltar que a comunidade possui o grau de escolaridade até o ensino fundamental, ou seja, os jovens que possuem o ensino médio incompleto ou completo estudaram em escolas que residem fora da comunidade, como nas cidades de Belém e na Sede de Santa Isabel. De acordo com Ferreira (2019), uma parcela significativa dos jovens rurais com baixa escolaridade, anseia em dar continuidade aos estudos e ter uma boa formação, visando a obtenção de um bom emprego e melhoria de qualidade de vida.

**Tabela 4 – Grau de escolaridade, quantidade, distribuição, idade e porcentagens dos jovens entrevistados.**

Grau de escolaridade dos jovens	Quantidade	Distribuição	Idade	%
		4	17	
		3	12	
		1	11	
Ensino fundamental incompleto	20	3	14	66,6
		2	16	
		3	15	
		3	19	
		1	13	
		2	18	
Ensino médio incompleto	5	2	20	16,7
		1	21	
		3	23	
Ensino médio completo	4	1	24	13,3
Ensino fundamental completo	1	1	23	3,4
Total	30	30		100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Nesse contexto, segundo Pereira (2016), ocorrem intensas desigualdades educacionais entre o campo e a cidade em todas as regiões do Brasil, e as pesquisas continuam reafirmando a consolidação ou permanência dessas desigualdades, tanto no que se refere à infraestrutura dos estabelecimentos educacionais, ao grau de analfabetismo, à

formação dos docentes e às discrepâncias entre a idade e a série, quanto em relação ao acesso à qualidade de ensino e à educação em geral.

De acordo com Queiroz (2001), existem diversos estudos que apontam que a insuficiência de políticas públicas e o baixo nível de educação, são as principais causas de problemas significativos no âmbito educacional do meio rural do país como: jovens fora da escola; docentes alheios à realidade rural; ausência de infraestrutura adequada nas escolas; a carência de ensino de qualidade no meio rural; escolas deslocadas das principais necessidades e dos problemas do meio rural e escolas indiferentes aos interesses dos trabalhadores rurais, de suas organizações e movimentos, causando uma estimulação do abandono do campo. Segundo Dalcin & Troian (2009), existem várias pesquisas que constataam que o jovem que permanece no campo é aquele que possui o menor grau de escolaridade. Uma vez que, as exigências são altas nas cidades no que se refere ao nível educacional e profissional, desestimulando o jovem rural a realizar o processo de migração para os centros urbanos, e conseqüentemente, impulsionando a permanecer na realidade da agricultura familiar que é caracterizada, na maioria das vezes, pela escassez de infraestrutura, baixa escolaridade e carência de oportunidades de emprego e renda.

Quando os entrevistados foram questionados a respeito de suas profissões, os mesmos afirmaram que são agricultores (93,4%), uma pessoa alegou ser jovem aprendiz (3,3%) e um jovem afirmou não possuir profissão (3,3%) (Tabela 5).

**Tabela 5 – Distribuição e porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com a profissão que possuem.**

Profissão	Nº de jovens	%
Agricultor (a)	28	93,4
Jovem aprendiz	1	3,3
Não possuem	1	3,3
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Quando os entrevistados foram perguntados sobre as atividades que os pais realizam, a maioria dos jovens afirmou que possui mãe e pai agricultores (80,2%), sendo que as demais respostas variaram entre dona de casa (3,3%), doméstica (3,3%), diarista (3,3%), vigilante (3,3%), feirante (3,3%) e funcionário de empresa privada (3,3%). Portanto, nessas respostas pode-se aferir que a agricultura familiar é a principal fonte de renda das famílias da comunidade, sendo que, segundo Ambrósio (2008), outras atividades não rurais são alternativas de renda para a percepção de algumas pessoas que residem no campo, caracterizando dessa forma a pluriatividade<sup>3</sup> e a multifuncionalidade<sup>4</sup> no meio rural.

<sup>3</sup> É a prática realizada pela mesma pessoa, a qual executa diversas atividades remuneradas inseridas em setores econômicos diferentes (AMBRÓSIO, 2008).

<sup>4</sup> Remete à capacidade de uma pessoa em realizar variadas funções (AMBRÓSIO, 2008).

Os jovens que possuem atividades no meio rural são aqueles que estão relacionados ao processamento de subprodutos da mandioca nas casas de farinha. Quando questionados sobre auxiliar os pais nas atividades de campo, a maioria dos jovens afirmou que realizam essa ajuda (86,7%) e alguns negaram, definindo 13,3% dos entrevistados (Tabela 6). De acordo com a pesquisa de campo realizada, observou-se que a maioria desses jovens estão inseridos em uma posição hierárquica de submissão com os pais, como afirma Castro (2005). Por outro lado, aqueles que negaram esse auxílio se recusam a dar continuidade aos trabalhos de campo realizados pelos pais, como aborda Spanevello (2011), não possuindo vocação para serem potenciais sucessores.

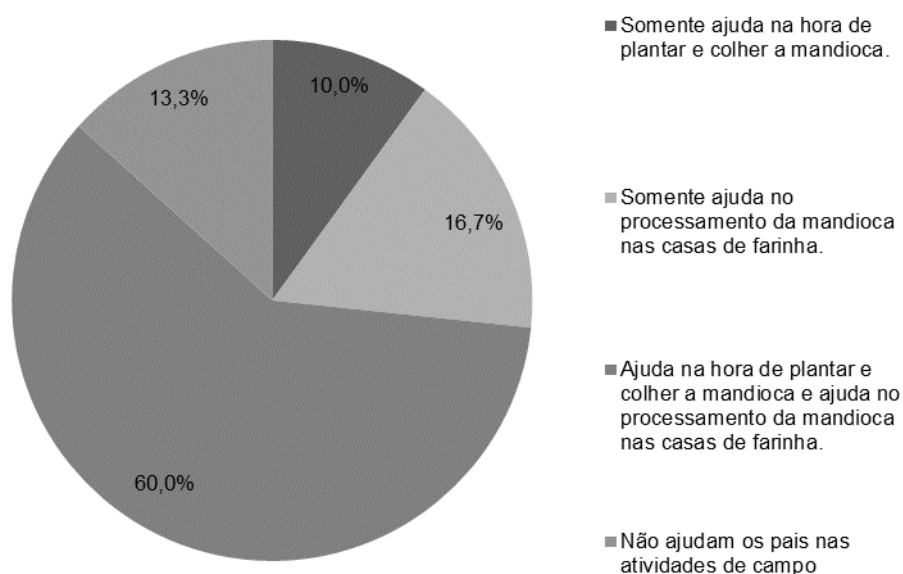
**Tabela 6 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens de acordo com a prática de auxílio nas atividades de campo com os pais.**

Respostas	Nº de jovens	%
Auxiliam	26	86,7
Não auxiliam	4	13,3
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Quando questionados sobre quais atividades eles realizam para auxiliar os pais no meio rural, as principais respostas foram: ajuda na hora de plantar e colher a mandioca e ajuda no processamento da mandioca nas casas de farinha (60,0%); Somente ajuda no processamento da mandioca (16,7%) e somente ajuda na hora de plantar e colher a mandioca (10,0%). Porém, alguns jovens afirmaram não realizar esse auxílio de atividades de campo com os pais, constituindo 13,3% dos entrevistados (Figura 5).

**Figura 5 – Porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com as atividades de campo que realizam para auxiliarem os pais nas atividades rurais.**



*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Uma quantidade significativa de jovens afirmou que recebem remuneração no auxílio das atividades de campo com os pais (70,0%), não sendo entre eles um valor fixo a ser pago e que pode variar de acordo com a venda dos subprodutos nas feiras da cidade de Santa Isabel e ao período de safra da mandioca. Porém, 16,7% dos jovens entrevistados afirmaram que não recebem qualquer remuneração neste auxílio (Tabela 7).

**Tabela 7 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens sobre a ocorrência de remuneração nas atividades de campo de auxílio para os pais.**

Respostas	Nº de jovens	%
Recebem remuneração	21	70,0
Não recebem remuneração	5	16,7
Não auxiliam os pais	4	13,3
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Quando questionados, se possuem outra atividade remunerada, a maioria dos jovens respondeu que não possuem (73,3%) e outros afirmaram que detêm, representando 26,7% dos entrevistados (Tabela 8). Pode-se averiguar dessa forma, que a maior parte dos entrevistados não pratica a multifuncionalidade e a pluriatividade nas suas atividades produtivas, sendo estas relacionadas, em sua maioria, ao processamento da farinha de mandioca e seus derivados.

**Tabela 8 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens sobre possuírem outra atividade remunerada.**

Respostas	Nº de jovens	%
Possuem outra atividade remunerada	8	26,7
Não possuem outra atividade remunerada	22	73,3
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

### **3.3.A participação dos jovens no processamento dos subprodutos da mandioca nas casas de farinha da comunidade.**

De acordo com todos os jovens entrevistados, existem três tipos de farinhas produzidas na comunidade, sendo elas: farinha D' água, mista e seca. Podendo variar entre os subtipos: amarela e branca. Uma vez que essas variedades são obtidas por meio de diferentes métodos de processamento. A farinha D'água é feita por meio da fermentação e ao uso mais frequente da mandioca brava, ocasionando, um produto com bem granulados. A mista é obtida mediante as misturas das massas de mandioca ralada e fermentada, antes da prensagem. A seca é obtida de raízes de mandioca secas à temperatura moderada ou alta. Os principais subprodutos da mandioca produzidos pela comunidade são: goma, tucupi e farinha D'água (Figura 6). Como afirma Fernandes (2017), o estado do Pará continua sendo o maior produtor nacional de mandioca, realizando, principalmente, a produção de farinha dos tipos: D'água, mista e seca.

**Figura 6 – Subprodutos produzidos na comunidade e comercializados nas feiras da cidade de Santa Isabel (PA), como a farinha D'água, goma e tucupi.**



*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

No que se refere à comercialização desses subprodutos, todos os entrevistados afirmaram que as vendas são realizadas, principalmente, nas feiras da cidade de Santa Isabel (PA), e ocorre uma parcela pequena de comercialização dentro da comunidade, mas também as vendas são realizadas por meio de exportação para outros estados ou países, juntamente com os subprodutos produzidos por outras comunidades vizinhas.

Os jovens entrevistados alegaram que por meio dos esforços e dedicação da prefeitura de Santa Isabel e da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SEMAGRI), a comunidade realizou uma exportação de toneladas de mandioca “fresca” (*in natura*) para a Dinamarca, país situado no Norte da Europa, devido a um interesse empresarial de um jovem turista, no mês de Julho de 2019. Porém, torna-se necessário esclarecer que o interesse do empresário dinamarquês se consolidou a partir da visita à comunidade do Espírito Santo do Itá, por meio do projeto de Turismo Gastronômico que também faz parte do Festival da Mandioca e do apoio do Instituto Paulo Martins. Tal projeto contribui para o turismo na comunidade (Figura 7), promovendo visitas de chefes de cozinha, empresários e estudantes de gastronomia de todo o Brasil.

**Figura 7 – Turismo na comunidade. A) Visita do chefe de cozinha Thiago Castanho. B) Visita de empresários estrangeiros na comunidade.**



*Fonte: Sigla Regia, 2019.*

Os entrevistados ainda ressaltaram que é necessário reconhecer que a educação e a receptividade dos moradores da comunidade contribuíram para o empreendimento com a empresa dinamarquesa. Dessa forma, a comunidade do Espírito Santo do Itá se configura como uma das mais importantes da cidade de Santa Isabel, promovendo um crescimento socioeconômico para a região e causando benefícios para os agricultores isabelenses, por meio da consolidação da parceria entre a prefeitura da cidade e a agricultura local.

Quando perguntados sobre a participação nas etapas de processamento da mandioca nas casas de farinha, 28 jovens entrevistados alegaram participação nas atividades de processamento, e dois jovens negaram participação. A figura 8 mostra algumas etapas de preparação da farinha de mandioca.

**Figura 8 – Etapas do processamento da farinha de mandioca realizadas por homens e mulheres, adultos e jovens. A) Colheita das raízes de mandioca; B) Exclusão das raízes não sadias; C) Acondicionamento das raízes para o transporte em caixotes; D) Uniformização da farinha de mandioca.**



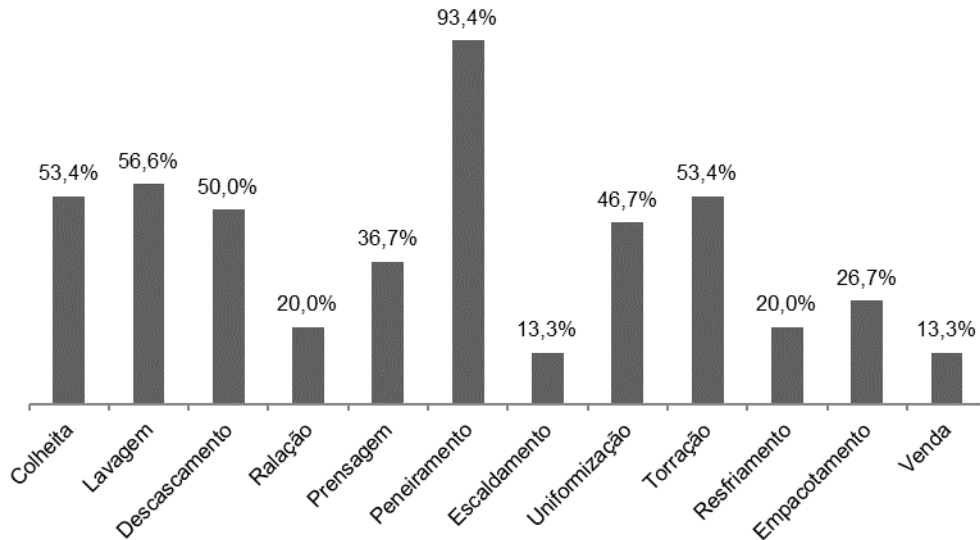
*Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.*

Os jovens entrevistados alegaram participar das seguintes etapas de processamento da farinha da mandioca: colheita (53,4%); lavagem (56,6%); descascamento (50,0%); ralação (20,0%); prensagem (36,7%); peneiramento (93,4%); escaldamento (13,3%); uniformização (46,7%); torração (53,4%); resfriamento (20,0%); empacotamento (26,7%) e venda (13,3%). Cada entrevistado relatou que realiza mais de uma etapa do processamento (Figura 9). Essas fases de produção são condizentes com as descritas por Almeida (2018), sendo que o autor aborda que essas etapas podem variar de acordo com a comunidade produtora.

Dessa forma, observou-se que os jovens participam de todas as etapas do processamento dos subprodutos da mandioca. As casas de farinha artesanais da comunidade são os locais onde ocorre a maioria das fases do processamento realizadas de forma manual com a utilização de utensílios rústicos como afirma Modesto Júnior (2016).



**Figura 9 - Porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com as etapas de processamento da farinha de mandioca que realizam.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Algumas outras etapas do processamento da farinha de mandioca e seus derivados nas casas de farinha da comunidade podem ser visualizadas na Figura 10.

**Figura 10 – Etapas do processamento da farinha de mandioca realizadas nas casas de farinha da comunidade. A) Torração; B) Escaldamento; C) Peneiramento; D) Descascamento.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

63,3% dos entrevistados afirmaram que o processamento da farinha da mandioca na comunidade é uma boa oportunidade de trabalho para os jovens, pois eles alegaram que é um

método de geração de renda e ocupação para a juventude da comunidade, por não possuírem outras opções de emprego na localidade.

Porém, existem 36,7% dos jovens entrevistados que não consideram as atividades das casas de farinha como uma boa oportunidade de trabalho para a juventude rural, pois eles afirmaram que os jovens da comunidade não gostam de trabalhar nas casas de farinhas, uma vez que, eles somente trabalham nessas atividades por não terem outra opção de trabalho e renda. *“Acho que os jovens da comunidade deveriam buscar outras oportunidades de trabalho e renda, fora da comunidade com o objetivo de melhoria de qualidade de vida e qualificação profissional”* (Relato de um jovem de 22 anos, morador da comunidade). Observa-se que esses jovens não possuem uma percepção de empreendimento comercial que a cadeia da mandioca pode oferecer, como afirma Fernandes (2017).

Esse contexto exemplifica a pesquisa de Vantroba (2009), que afirma que a permanência do jovem no campo irá depender das oportunidades que lhes são apresentadas, como opções de emprego e renda. Porém muitos jovens realizam as atividades pelas obrigações da tradição familiar e por não terem outra oportunidade de trabalho, principalmente, pela ausência de qualificação profissional, o que foi observado no decorrer da pesquisa. Condizente com este contexto, Siqueira (2004) argumenta que a decisão dos jovens de migrar para a cidade em busca de trabalhos que não sejam relacionados ao meio rural, é proveniente do crescente desejo dos filhos e filhas de agricultores, em não reproduzir a ocupação e as atividades dos pais no campo, dessa forma prejudicando a sucessão geracional no campo.

#### 3.4. O processo de sucessão geracional

Verificou-se que os jovens entrevistados afirmaram, em sua maioria, que gostam de morar na comunidade Espírito Santo do Itá (93,4%), quando questionados se gostam ou não de residir na localidade (Tabela 9).

**Tabela 9 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens a respeito se gostam de morar na comunidade ou não.**

Respostas	Nº de jovens	%
Gostam de morar na comunidade	28	93,4
Não gostam de morar na comunidade	2	6,6
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Os jovens que afirmaram gostar de morar na comunidade abordaram os critérios de moradia, segurança e lazer. Considerando aspectos imateriais, como a tranquilidade. *“Gosto de morar na comunidade pela tranquilidade na moradia, falta de violência e acesso ao igarapé como minha principal forma de diversão”* (Relato de uma jovem de 21 anos, que reside na comunidade). Observa-se, neste caso, que o trabalho no campo não aparece como um critério de afinidade pelo lugar. Segundo Godoy (2009), existem diversos fatores que contribuem para a permanência dos jovens no meio rural, como a educação, o lazer e a cultura. O autor não configura o emprego ou trabalho no campo como principal ou único critério de estabilidade dos

jovens no campo, mas considera um conjunto de iniciativas que devem ser feitas para contribuir para a melhoria das condições de vida dos mesmos.

Todavia, dois jovens afirmaram não gostar de morar na comunidade por motivos relacionados ao desejo de procurar oportunidades de trabalho em centros urbanos. “*Quero sair da comunidade para realizar os meus sonhos profissionais*” (Relato de uma jovem de 23 anos, moradora da comunidade). Os mesmos não destacaram nenhum motivo de afinidade de moradia na localidade.

Quando questionados, se eles gostariam de realizar um planejamento de continuar morando na comunidade, a maioria dos jovens entrevistados afirmaram que desejariam continuar residindo na localidade (63,3%) pelos mesmos motivos que apreciam morar no lugar (Tabela 10). Porém, verifica-se, que o número de entrevistados que querem se preparar para continuar residindo na comunidade é menor em relação aqueles que gostam de morar. Ou seja, gostar e querer ficar são aspectos bem diferenciados.

**Tabela 10 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens a respeito se planejam continuar morando na comunidade ou não.**

Respostas	Nº de jovens	%
Planejam continuar morando na comunidade	19	63,3
Não planejam continuar morando na comunidade	11	36,7
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Assim, percebe-se que tanto os jovens que querem persistir em morar na localidade, quanto aqueles que não desejam, não apresentam a “disposição” necessária, a qual o autor Brummer (2005), enfatiza que é necessário ter para dar continuidade às atividades agrícolas de seus pais. Uma vez que, o trabalho na agricultura familiar não é citado pelos entrevistados como critério de planejamento de moradia.

Esse contexto pode ser comparado com a pesquisa de Ferreira (2019), que realizou um estudo sobre jovens de algumas comunidades das ilhas do município de Abaetetuba (PA), e constatou que uma parcela desses jovens possui o desejo de permanência por motivos de lazer e ao desejo de viver na tranquilidade do meio rural e livre da “agitação” de quem reside na cidade. No mesmo contexto Kischener (2015) considera que apesar das condições negativas que muitas vezes são encontradas no campo, como a exposição às tarefas que exigem força e o desgaste muscular, alguns jovens preferem estar no campo. Segundo o autor, a qualidade de vida no campo, na maioria das vezes, é melhor do que na cidade, onde não ocorre garantia de melhoria de vida.

Os jovens que não planejam continuar morando na comunidade gostariam de ir morar nas Sedes dos municípios de Santa Isabel e Belém, com o objetivo de buscar oportunidades profissionais e a realização de "sonhos" nas cidades grandes. Da mesma forma, o estudo de Ferreira (2019) afirma que uma parte dos jovens moradores das comunidades das ilhas do município de Abaetetuba (PA), preferem estar na cidade e não mais no campo, devido à falta de oportunidades profissionais no meio rural. Segundo a pesquisa de Weisheimer (2009), os

jovens realizam o processo de migração em busca de oportunidades de emprego e carteira assinada nas cidades, pois eles possuem a percepção que as ocupações urbanas são melhores nos critérios de qualidade de vida e remuneração, em comparação às áreas rurais.

De acordo com a Tabela 11, constatou-se que os principais motivos que levam (ou levaram), os jovens a pensarem em sair da comunidade são: Busca de oportunidade profissional em emprego que não está relacionado com o meio rural; e busca de independência financeira, trabalhando assalariado mensalmente (46,6%) e estudar para mais tarde retornar para a comunidade com mais qualificação e poder (16,7%). Porém, 36,7% dos jovens afirmaram não terem o desejo de sair da comunidade.

**Tabela 11 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens sobre os principais motivos que levam (ou levaram) os mesmos a pensarem em sair da comunidade.**

Respostas	Nº de jovens	%
Busca de oportunidade profissional em emprego que não está relacionado com o meio rural; e busca de independência financeira, trabalhando assalariado mensalmente.	14	46,6
Estudar para mais tarde retornar para a comunidade com mais qualificação e poder	5	16,7
Não pensa em sair da comunidade	11	36,7
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

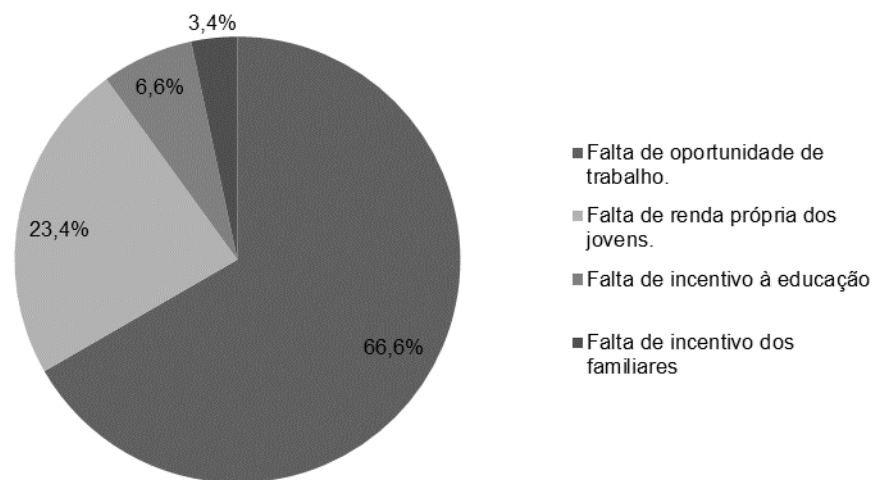
Como confirma Kischener (2015), é válido perceber que alguns jovens almejam migrar para a cidade com o objetivo de estudar, para depois retornar para o meio rural para realizar a aplicação dos seus conhecimentos adquiridos, no campo. Porém, existem aqueles que não possuem a pretensão de voltar para o meio rural, devido à boa adaptação que tiveram no centro urbano. No decorrer da pesquisa foi notório perceber a dúvida dos entrevistados de acordo com os motivos que levam eles a pensarem em sair da comunidade ou não. Isso exemplifica o estudo de Zago (2012) que mostra que existem muitos desafios e incertezas entre “sair e ficar” no campo no que se refere à juventude rural, principalmente pela baixa renda das famílias rurais.

No que se refere à opinião dos jovens em relação à maior dificuldade encontrada pelos mesmos que vivem na comunidade, as principais respostas foram: Falta de oportunidade de trabalho (66,6%); falta de renda própria dos jovens (23,4%); falta de incentivo à educação (6,6%) e a falta de incentivo dos familiares (3,4%) (Figura 11). Dessa forma, percebe-se que os entrevistados somente citam o trabalho como um dos aspectos negativos relacionados às maiores dificuldades encontradas pelos mesmos, no que se refere às oportunidades de emprego e renda. Sendo que, a falta de estímulo à educação e a carência de encorajamento dos familiares também são citadas.

A opinião dos entrevistados pode ser comparada com a pesquisa de Spanevello (2011), que afirma que existe uma considerável dificuldade na sucessão da agricultura familiar,

pois, embora tenha uma elevada importância na contribuição socioeconômica no campo e na cidade, a reprodução social na agricultura familiar vem sendo comprometida devido a diversas dificuldades. A principal delas se deve ao aumento do fluxo migratório dos jovens do campo para a cidade, com o objetivo de alcançar oportunidades de trabalho e renda.

**Figura 11 – Porcentagens dos jovens entrevistados em relação a opinião dos mesmos de acordo com a maior dificuldade encontrada pelos jovens que vivem na comunidade.**



*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

De acordo com a opinião dos jovens em relação a qual alternativa faria com que melhorasse a vida do jovem na comunidade, todos os entrevistados abordaram a mesma alternativa como sendo a inclusão de cursos profissionalizantes que auxiliassem a melhorar a atividade rural, e cursos profissionalizantes que não estivessem relacionados com as atividades rurais, como: informática, estética, entre outros. A opinião desses jovens pode ser comparada com a pesquisa de Ruzany (2012), pois aborda que os jovens possuem o desejo de ter acesso à educação e às outras áreas de conhecimento como a informática, sem deixar de permanecer na localidade rural, o que permitiria uma inclusão de um conhecimento ilimitado e desconhecido para o meio rural.

Quando perguntados se os jovens acreditam que a agricultura familiar irá crescer ainda mais na comunidade e isso irá contribuir para a sua permanência, a maioria dos jovens afirmou que “Sim” (63,3%) e outra parte dos entrevistados, constituindo 36,7%, disseram que “Não” (Tabela 12). Os resultados coincidiram com as respostas dos jovens que planejam ou não continuar morando na comunidade e com aqueles que acreditam ou não que o processamento da mandioca nas casas de farinha é uma boa oportunidade de trabalho, configurando dessa forma, uma concordância nas respostas. Porém observou-se no decorrer da pesquisa, o desejo

da maioria dos jovens em sair da comunidade para buscar oportunidades profissionais nas cidades, pelo fato de não considerarem as atividades agrícolas da localidade como uma boa oportunidade de trabalho, mesmo que a maioria as pratique por falta de outras opções de emprego.

**Tabela 12 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens em relação se o jovem acredita que a agricultura familiar irá crescer ainda mais na localidade e isso irá contribuir para a sua permanência na comunidade.**

Respostas	Quantidade de jovens	%
Acreditam	19	63,3
Não acreditam	11	36,7
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Os entrevistados que afirmaram, abordaram que isso irá favorecer para a geração de mais oportunidades de renda para os jovens que residem na comunidade, caso os mesmos não consigam encontrar boas oportunidades de trabalho nas cidades. Aqueles que negaram, disseram que possuem o desejo de sair da comunidade para morar nos centros urbanos na busca de qualificação profissional. O desejo de sair desses jovens pode ser explicado por meio da pesquisa de Brumer (2007), pois afirma que para a categoria dos jovens rurais, os principais fatores motivadores para a saída do campo estão relacionados às incertezas de rentabilidade, o que foi observado no decorrer da pesquisa. Ainda segundo a autora, a preocupação no que se refere aos aspectos estruturais que definem o lugar e o papel da juventude rural, que delimitam a liberdade de escolhas dos jovens, é recorrente na literatura sobre juventude rural. Portanto, nota-se que o aspecto econômico está ligado aos principais motivos que levam os jovens a permanecerem ou não no campo, uma vez que, limitações econômicas ainda continuam a persistir no meio rural.

Segundo Silvestro (2001), ocorre um abandono dos negócios familiares pelos filhos dos produtores rurais, para a busca de melhores oportunidades de trabalho e renda nas cidades, uma vez que, as atividades relacionadas ao campo possuem pouco rendimento financeiro em comparação aos serviços do meio urbano.

No que se refere às perspectivas dos jovens em relação ao futuro na comunidade, os entrevistados abordaram as seguintes respostas: boas, irei permanecer por mais um tempo e depois decido se continuo ou não (63,3%) e ótimas, irei continuar/voltar a trabalhar na agricultura e dar continuidade à atividade desenvolvida pelos meus pais (36,7%) (Tabela 13). Observou-se que os entrevistados tiveram dúvidas nessas respostas, dessa forma constatando uma incerteza em relação à permanência no campo.

**Tabela 13 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens em relação às perspectivas dos jovens em relação ao seu futuro na comunidade.**

Respostas	Nº de jovens	%
boas, irei permanecer por mais um tempo e depois decido se continuo ou não.	19	63,3
ótimas, irei continuar/voltar a trabalhar na agricultura e dar continuidade à atividade desenvolvida pelos meus pais.	11	36,7
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

De acordo com a Tabela 14, os entrevistados quando questionados, se alguma vez já deixaram a comunidade por algum período, a maioria dos jovens respondeu que nunca deixou a comunidade por nenhum motivo pessoal ou financeiro (73,3%). Os outros jovens entrevistados que deixaram e voltaram para a comunidade por algum motivo, abordaram as seguintes respostas: Foi uma decisão provisória, assim que melhorar as condições econômicas da atividade rural, pretendo voltar a residir e trabalhar na cidade (13,3%); no momento está sendo uma decisão acertada, mas as dificuldades encontradas na cidade são muitas. Eu trabalho na cidade e resido na comunidade (3,4%). Porém, 10,0% dos jovens entrevistados afirmaram ter deixado a comunidade por motivos pessoais. *“Deixei a comunidade por causa da separação dos meus pais, e não tive trabalho na cidade”* (Relato de um jovem de 20 anos, morador da comunidade).

**Tabela 14 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens caso o jovem tenha deixado a comunidade e o que foi analisado em relação à decisão de morar e trabalhar na cidade.**

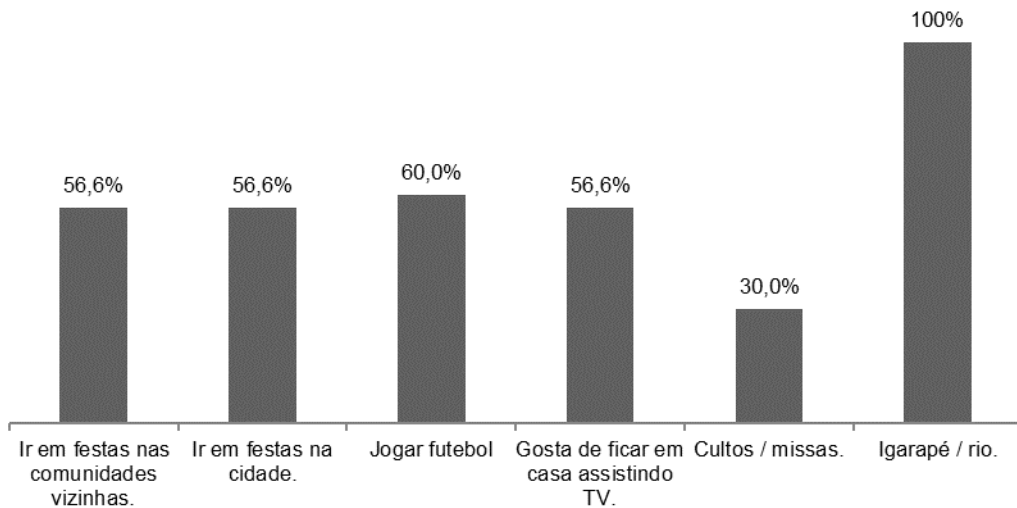
Respostas	Nº de jovens	%
Nunca deixei a comunidade.	22	73,3
Foi uma decisão provisória, assim que melhorar as condições econômicas da atividade rural pretendo voltar a residir e trabalhar na cidade.	4	13,3
No momento está sendo uma decisão acertada, mas as dificuldades encontradas na cidade são muitas. Eu trabalho na cidade e resido na comunidade.	1	3,4
Motivos pessoais	3	10,0
Total	30	100

*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

No que se refere à forma de lazer predileto dos entrevistados eles abordaram que as principais formas de lazer são: ter acesso ao igarapé ou rio próximos da comunidade (100%); ir em festas nas comunidades vizinhas (56,6%); ir em festas nas cidades (56,6%); jogar futebol (60,0%); assistir televisão (56,6%) e frequentar cultos ou missas (30,0%). Sendo que cada

jovem entrevistado abordou mais de uma resposta como forma de lazer predileto (Figura 12). Portanto, todos os entrevistados afirmaram que o acesso ao igarapé ou rio próximos da comunidade se configura como a principal forma de lazer dos jovens da comunidade (Figura 13).

**Figura 12 – Porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com as suas respostas em relação às formas de lazeres prediletos dos mesmos.**



*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

**Figura 13 – Vista do igarapé na comunidade.**



*Fonte: Pesquisa de campo, 2019.*

Dessa forma, de acordo com Kummer (2013), os jovens moradores de comunidades rurais realizam uma valorização dos espaços rurais no que se refere à apreciação da natureza local como principais formas de diversão. Dalcin & Troian (2009) afirmam que a principal forma de recreação das famílias que residem no meio rural, está ligado aos aspectos naturais, como os igarapés.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises dos dados coletados, é possível afirmar que os objetivos desta pesquisa foram alcançados. Dessa forma, observou-se que para a geração atual da comunidade estudada, o perfil da maioria dos jovens é caracterizado pela ativa participação nas atividades do meio rural relacionadas ao processamento dos subprodutos da mandioca nas casas de farinha. Uma vez que a maioria desses jovens auxilia os pais nas atividades de campo.

Outro ponto importante que foi analisado no decorrer da pesquisa, é que a maioria dos jovens entrevistados afirmam que as atividades nas casas de farinha são uma boa oportunidade de trabalho e renda para a juventude rural, pela falta de outras opções de empregos no meio rural. A outra parcela dos entrevistados que negaram, também aborda que existe uma carência de oportunidades de trabalho para os jovens da comunidade, e por isso a maioria deles realizam atividades nas casas de farinha por não terem outra escolha. Dessa forma, todos os entrevistados possuem percepções parecidas em relação às atividades agrícolas, por não as considerarem como prioridade de escolha.

Um dos principais motivos que levam os jovens a pensarem em sair da comunidade é a busca de oportunidades profissionais. Por outro lado, a grande maioria dos entrevistados afirma que gostam de morar na comunidade e uma parcela significativa planeja continuar residindo na localidade por motivos de tranquilidade, segurança e lazer. Não configurando o trabalho de campo como motivo de permanência. Dessa forma pode-se averiguar que os jovens da comunidade não estão dispostos a realizar a sucessão geracional das atividades agrícolas de forma espontânea, mas sim de forma induzida ou forçada, por não terem outra oportunidade de trabalho.

Portanto, nesta pesquisa é possível analisar a juventude rural de uma comunidade periférica, por meio dos desejos, realidades e perspectivas para o futuro. A maioria dos entrevistados são pessoas que almejam melhorar a qualidade de vida por meio da qualificação profissional. Porém, muitos desafios persistem para a saída dos jovens da comunidade. Uma das principais dificuldades apontada pelos mesmos é a falta de oportunidade trabalho. Logo, por mais que a maioria dos jovens tenha afinidade de morar na comunidade, os mesmos possuem o desejo de sair para alcançar realizações profissionais. Pois, é notório perceber que tratam-se de jovens com muitas vontades, desejos e perspectivas de um futuro melhor. Dessa forma, existem possibilidades de maiores estudos no que se refere à juventude rural, como a avaliação de políticas públicas voltadas para essa categoria social e a análise da organização dos jovens no contexto da sociedade moderna.

## REFERÊNCIAS

- Abramovay, M., & Esteves, L. C. G. (2007). *Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. In: Abramovay, M., & Esteves, L. C. G.
- Abramovay, R. (1998). *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: UNESCO.
- Ahlert, L. (2009). A sucessão das atividades na agricultura familiar. In: *47º SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*, Porto Alegre.
- Almeida, C. O. (2018). Produção de mandioca no Brasil: o desafio do incremento de produtividade com preservação de solos. Cruz das Almas, BA: *Embrapa Mandioca e Fruticultura*, 36, Documentos, 224.
- Almeida, M. W. B. (1986). Redescobrimo a família rural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 1 (1): 66-93.
- Ambrósio, A.P. (2008). A pluriatividade e a reestruturação produtiva: transformações no meio rural da região do "circuito das águas paulista". *Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, Araraquara: Unesp, 1 (1): 1-4.
- Brasil; MDA – Ministério de Desenvolvimento Agrário. (2010). *ONU reforça a importância da agricultura familiar*. Acesso em 01 de julho de 2019, em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/10/onu-reforca-a-importancia-da-agricultura-familiar>.
- Brumer, A. (2007). A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: Carneiro, M. J., & Castro, E. G. (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 35-51.
- Brumer, A., Pandolfo, C.G., & Coradini, L. (2005). Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência, poder*. Florianópolis.
- Carneiro, M. J. (2001). Herança e gênero entre agricultores familiares. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 9 (1): 22-55.
- Carneiro, M. J., & Castro, E. G. (2007). *Juventude rural em perspectiva*. Mauad X, Rio de Janeiro.
- Carvalho, D. M., Santos, A. B., Souza Júnior, J. P., & Ferrer, M. T. (2009). Perspectivas Dos Jovens Rurais: Campo Versus Cidade. In: Congresso Brasileiro de Economia, Administração e Sociologia Rural, 47. *Desenvolvimento rural e sistemas agroalimentares: os agronegócios no contexto de integração das nações*. Porto Alegre: SOBER. Acesso em 01 de julho de 2019, em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/881.pdf>>.

- Castro, E. G. (2005). Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. *Tese de Doutorado em Antropologia Social*, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ.
- Castro, E. G. (2009). Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niños y Juventud*, 7.
- Dalcin, D., & Troian, A. (2009). Jovem no meio rural a dicotomia entre sair e permanecer: um estudo de caso. *In: I Seminário Nacional de Sociologia e Política*. UFPR.
- Diniz, F. H., Bernardo, W. F., Teixeira, S. R., & Moreira, M. S P M. (2013). Sucessão na Agricultura Familiar – Desafios e perspectivas para propriedades leiteiras. *In: Alternativas para a produção sustentável da Amazônia*. Brasília, DF: Embrapa.
- Fernandes, G. L. C. (2017). Análises gráficas dos principais produtos agropecuários do Estado do Pará: *Cultura da mandioca*. Acesso em 21 de setembro de 2019, em: <<https://www.embrapa.br/documents/1354300/32272142/An%C3%A1lise+de+Cen%C3%A1rios+-+Mandioca/a23876b7-97ba-aff7-8c95-5dd1578cbe12>>.
- Ferreira, B., & Alves, F. (2009). Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. *In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C.C. (Orgs.). Juventude e políticas públicas no Brasil*. Brasília: Ipea, 53-67.
- Ferreira, E. M. (2019). Entre o Campo e a Cidade: O Jovem Ribeirinho e suas Relações com o Processo de Migração na Região das Ilhas de Abaetetuba/PA. *Dissertação (Mestrado)*. Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
- Godoy, C. M. T., Pérez, F. I. C., Wizniewsky, J. G., Guedes, A. C., & Moraes, C. S. (2009). *Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural: A realidade do município de Santa Rosa/RS*. Campo Grande.
- Golgher, A. B. (2010). *Diálogos com o ensino médio 3: o estudante jovem no Brasil e a inserção no mercado de trabalho*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar.
- Hoffmann, R. (2014). Agricultura familiar e consumo de alimentos. *Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas*, 21(1):417-421, 2014.
- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In: Hirata, H., et al. (orgs.). Dicionário crítico feminino*, São Paulo: Editora Unesp, 67-76.
- Kischener, M. A., Kiyota, N., & Perondi, M. A. (2015). Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais. *Mundo Agrário*, 16 (33).

- Kummer, R. (2013). Juventude rural, entre ficar e partir: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de cerro azul, palma sola/sc. *Dissertação (Mestrado)*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UNIOESTE, Toledo/PR.
- Mendonça, K. F. C., Ribeiro, A. E. M., & Galizoni, F. M. (2008). Sucessão na agricultura familiar: estudo de caso sobre o destino dos jovens do alto Jequitinhonha, MG. *In: 16ª Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu/ MG*.
- Michelat, G. (1987). Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: Thiollent, M. (Org.). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Editora Polis, 191-211.
- Modesto Junior, M. S., & Alves, R. N. B. (2016). Produção de farinha de mandioca e farinha de tapioca no estado do Pará com oportunidades de negócios para empreendedores e agricultores na Amazônia. In: Denardin, V. F.; Komarcheski, R. (Org.). *Farinheiras do Brasil: Tradição, cultura e perspectivas da produção familiar de farinha de mandioca*. Matinhos: UFPR Litoral, 297.
- NOVAES, R. R. (1998). *Juventude/ juventudes?* Em: Comunicações, (50), ano 17. Rio de Janeiro: ISER.
- Oliveira, A. B. (2015). Indicações geográficas, produtos tradicionais e desenvolvimento territorial na Amazônia: Um olhar sobre o projeto de indicação geográfica da farinha de Bragança. 193 f. *Dissertação (Mestrado)-Direitos Humanos e Meio Ambientes*, Universidade Federal do Pará. Belém (PA).
- Pereira, R. C. (2016). Sistema de organização modular de ensino (some) e a inclusão social dos jovens e adultos do campo. *Margens - Revista Interdisciplinar*, 10 (14): 187-198.
- Peruzzo, C. M. K. (2017). Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. Vol. XXIII. Número Especial III, *Colima*, primavera, 161-190.
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD. (2014). *IBGE*, Rio de Janeiro.
- Queiroz, J.B.P. (2001). Os Centros Familiares de Educação em alternância no Brasil. *Caderno Vozes*, 6.
- Ruzany, M. H., Moura, E. A. F., & Meirelles, Z. V. (2012). Adolescentes e jovens de populações ribeirinhas na Amazônia – Brasil. Rio de Janeiro. *Editora Visão Social*, 144.
- Salomão, G. N.; Salomão, B. H. N., Serrão, I. C. G., & Abreu, F. A. M. (2016). Análises de constituintes maiores de águas subterrâneas na região de Espírito Santo do Itá,

município de Santa Isabel, Pará, Brasil. *V Simpósio de Estudos e Pesquisas em Ciências Ambientais na Amazônia*. ISSN: 2316 – 7637.

Silvestro, M. L. (2001). *Os impasses da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Florianópolis, SC: Epagri; Brasília: Nead, Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Siqueira, L. H. S. S. (2004). As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar. *Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Rural*, Porto Alegre: UFRGS.

Spanevello, R. M. (2008). A dinâmica sucessória na agricultura familiar. *Tese de Doutorado*. (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Spanevello, R. M., Azevedo, L. F., Vargas, L. P., & Matte, A. (2011). A migração juvenil e as implicações sucessórias na agricultura familiar. *Revista de Ciências Humanas*, UFSC, 45, 291-304.

Stropasolas, V. L. (2006). *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis - SC: UFSC.

Weisheimer, N. (2009). A situação juvenil na agricultura familiar. 331 f. *Tese de doutorado em Sociologia*. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Weisheimer, N. (2005). *Juventudes rurais: mapa de estudos recentes*. Brasília. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Vantroba, E. A. (2009). Necessidades e perspectivas para a permanência do jovem do campo no seu ambiente. *Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE*. Irati.

Zago, N., & Bordignon, C. (2012). Juventude rural no contexto da agricultura familiar: migração e investimento nos estudos. *IN: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*.